



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
 Editor — ANTONIO MARIA LOPEZ
 NUMERO AVULSO, 20 cív.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
 Trimestre 2\$60 cív.
 Semestre 5\$00 "
 Ano 10\$00 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Saeiro, 41 — LISBOA

A delicada pele das senhoras

resente-se muito com o vento, com o sol ou com as mudanças de temperatura e de clima.

Usando, porém, o

Crème de Rosas

que é um maravilhoso produto de beleza, ficarão defendidas d'esse perigo, conservando a pele clara, viçosa, macia, livre de manchas, asperezas, queimaduras, etc.

Produto de venda colossal



Após o crème, devem passar pelo rosto uma nuvem de

Pó d'arroz "Maria"

produto só comparavel aos melhores do estrangeiro, tinnissimo, garantido, de perfume agradável, que póde usar-se com toda a confiança. Ha em todas as côres.

Preferido por todas as senhoras portuguezas, vendem-se em todo o Portugal centenas de milhares de caixas!

A' venda na

Perfumaria da Moda, 5, rua do Carmo, 7

o mais artistico estabelecimento de Lisboa e nas farmacias, drogarias e mais importantes casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa. Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a *AYRES DE CARVALHO, rua Leens, 31, séde dos escriptorios e fabrica.*

CREME AGUA E PÓ D'ARROZ DA RAINHA DA HUNGRIA

Productos maravilhosos para a toilette diaria. As senhoras que tiverem a felicidade de usar estas especialidades teem uma pele ideal.

RESPOSTA MEDIANTE ESTAMPILHA

Depilatorio IDEAL

O unico que tira os pêlos para sempre

RESPOSTA MEDIANTE ESTAMPILHA

RODAL

De efeitos garantidos contra a caspa e a calvice

RESPOSTA MEDIANTE ESTAMPILHA

Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA, 23 TELEFONE 3641 C.

DEPOSITOS: — LISBOA, Salão Mimoso, Rua Augusta, 282
 PORTO. Bazar Soares, Rua 31 Janeiro, 234

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Acções.....	360.000\$
Obrigações.....	284.220\$
Fundos de reserva e amor-tização.....	380.000\$
Escudos.....	1.024.220\$

SEDE EM LISBOA, Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha), instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinhos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho, Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continuo ou redonda e de forma. Fornece papel a mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e deposito: LISBOA, 270, rua da Princesa, 270. PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 31. — Enderes telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 665. Porto, 1.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 747

Lisboa, 14 de Junho de 1920

20 Centavos

CRONICA

«UM HOMEM»

Assim intitului o «Seculo» o artigo que no dia seguinte ao da morte do coronel Antonio Maria Baptista publicou a respeito do tristissimo acontecimento. Foi efectivamente um homem, na acepção mais nobre da palavra, um elemento social d'alto valor, que deu á sua patria o mais que pôde dar; por ela arriscou a vida mais de uma vez, por ela

perdeu o socego e a saude, por ela sofreu contrariedades e até injurias, ele que tão sensivel era ao mais pequeno ataque. Sepultado, todos lhe fizeram justiça, de todas as bocas saíram palavras de louvor e de saudade; não ouvimos outras, e a alguém, por escrever depreciativamente que ele não fôra um politico, queremos dizer que assim mesmo o louvou, porque no sentido em que empregou o termo «politico», não no sentido le-

vantado, para denominar o cultor da mais complexa das sciencias, mas na acepção acanhada em que se emprega na nossa terra, semelhante designação só tornaria mesquinho quem conseguia passar junto dos lodacais de ambições e de intrigas, que a cada momento se encontram no caminho do poder, sem que a minima gota o salpicasse.

«Alma limpa, mãos limpas», disse tambem o «Seculo», concluindo que «uma nação que possui ministros de tal grandeza moral tem assegurada uma vida eterna» e que «uma Republica que no seu gremio conta figuras de tal relevo, pelo character e pela fé indefectivel das suas convicções, só não se salva se quizer suicidar-se.»

Antonio Maria Baptista appareceu quando se tornava indispensavel que apparecesse alguém com as suas qualidades; outros surgirão no momento proprio, das energias da nossa patria, que todos sentimentos latentes e formidaveis.

GRÉVE ECLESIASTICA

Está em «grêves» o pessoal do Vaticano, menos Sua Santidade, naturalmente—porque exige

aumento de salarios, que não tem obliido. O facto prestar-se-ia a comentarios picarescos, que no nosso logar outrem menos benevolo para com os desvarios humanos não deixaria de fazer; nós limitamo-nos a acentuar filosoficamente que a resignação cristã, ainda mesmo em corações onde deveria existir na sua maior pureza, não passa, nos tempos que vão corren-

do, de tema declamatorio, a aconselhar ao proximo, que não a servir para uso proprio.



Não sabemos se a «grêve» referida será revolucionaria ou simplesmente de braços cruzados; os dois sistemas tem sido praticados ultimamente com exito, mas estamos em que os interessados haverão adoptado o segundo, isto é, que os famulos e mais pessoas do serviço papal se recusam apenas a resar, a entoar o canto-chão e a efectuar os restantes exercicios do rito, a não ser o jejum, exercicio a bem dizer suggestivo e cumprido, n'este caso, bem contra vontade.

«Malesuada fames».

GADO BOVINO

Dentro de Lisboa, no Campo Grande, realisou-se a semana passada um concurso de gado bovino, onde appareceram excellentes exemplares, como beleza e como rendimento, graças á iniciativa da Associação Central da Agricultura Portuguesa.



Muita gente acorreu ao local da exposição, confundindo-o com o do mercado e supondo que, finalmente, a capital ia ser abastecida de carne de vaca.

sem se lembrar de que se tratava apenas de animais de lactação. Foi uma especie de suplicio de Tantalos, como o que o empresario da praça do Campo Pequeno nos impõe aos domingos, fazendo bandalhar na nossa presença numerosos e saborosissimos bifes!

Emfim, a exposição turina deu-nos ao menos a esperanza de que não teremos falta de leite e, por consequencia, de queijo, alimento que faz esquecer...

LIVROS

Continúa o insigne poeta Antonio Corrêa de Oliveira a invocar o nosso glorioso passado, na série de quadros a que poz o titulo de «Na hora incerta da nossa patria». No livro 2.º, que temos á vista, é Viriato quem o velho Portugal desenha e canta perante o povo, em linguagem simples e vibrante,



«É morto o Herói. Mas no veto
Das gerações, em recato,
A Voz do Sangue murmura:
— Viriato... Viriato...»

Anuncia neste folheto o «Auto do Berço», que terá Afonso Henriques por herói. Esperamos com impaciencia mais essa parte da obra, que constituirá um verdadeiro poema.

Acacio de Paiva.

(Ilus trações de Rocha Vieira)

AS NOSSAS COLONIAS TERRAS DA LUNDA

por
Oliveira Santos

T

EM sido simplesmente extraordinárias e verdadeiramente torrenciais as chuvas em toda esta vastíssima e fértil região da Lunda. A bacia hidrográfica dos grandes rios tributários do Cassai, neste Distrito, como sejam o Cuilo, o Luangue, o Luele o Tchica-

capa, o Luachimo, o Chiumbe e o Luembe, excedidas grandemente no seu volume normal transbordam sobre as chanas extensíssimas que abrangem quilómetros e quilómetros dos seus cursos, alagando-as até distancias, consideráveis oferecendo aqui e além o aspecto por vezes interessante de enormes superfícies polidas, brilhando aos raios obliquos do sol quando descobre pujante de vida, como dos tropicos que é, diluidas a espessas nuvens e as estupendas trovoadas que parecem arrasar o mundo inteiro!

As pontes, algumas das quais, pela sua grandesa consideradas como obras de arte — que são inúmeras, — correm a cada momento o risco de serem levadas pela agua na sua corrente impetuosa que ameaça arrastar até, na sua furia destruidora, o proprio leito onde deslisa!

Afirmam os nossos compatriotas que por aqui têm consumido, em beneficio do paiz, o melhor da sua mocidade e a parcela mais vigorosa das suas energias, que em toda a Angola se tem observado como que uns ciclos pluviosos — parece que de 4 em 4 anos — em que as chuvas denominadas «maiores» são excessivamente excedidas originando as grandes cheias sempre destruidoras, dificultando e até por vezes impossibilitando, absolutamente, a vida em algumas regiões desta provincia. O ano que decorre, tudo indica ser um dos que fecha o ciclo pluvioso



O autor
Governador do Distrito de Lunda

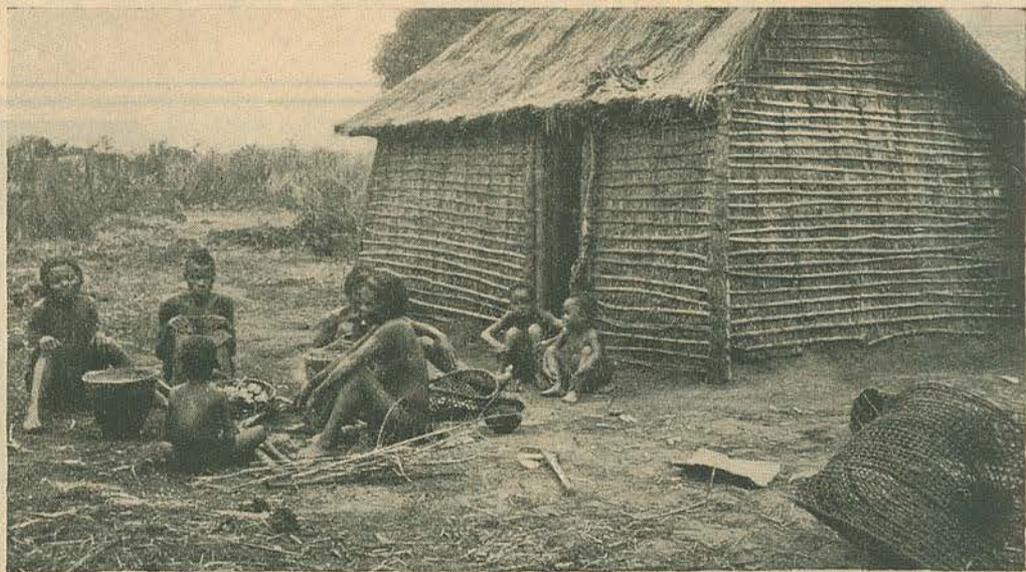
da tradição, pois que as chuvas surgem quasi que de surpresa a qualquer hora do dia ou da noite, e, por mais que nos queiramos a elas habituar, a impressão é sempre a dum formidável dilúvio, dum oceano inteiro que fugido ás leis da gravidade se resolve desabar por sobre a Lunda!

* * *

O soba, curioso personagem destas terras do interior, onde a marcha da civilização é forçosamente lenta, onde os recursos de toda a natureza escasseiam e para onde, não obstante as suas enormes riquezas naturais, os caminhos de ferro, a telegrafia e todas as vias de comunicação que o progresso reclama para a marcha ascensional dos povos, permanecem a leguas de distancia submetidos a um incompreensível retraimento — o soba, diziamos,

é um curioso personagem que encarna em si toda uma psicologia da vida barbara das tribus desta região de Lunda; são como que a síntese moral, espiritual e simultaneamente social dos povos que despoticamente dominam: no soba reside o poder temporal, a poder espiritual e até é o soba quem decide da união do homem com a mulher, sobre os seus habitos, sua habitação, sua alimentação, etc.

O soba prevê o futuro, advinha tudo o que vai succeder, vê tudo; vive numa intimidade mística com com os espiritos dos seus antepassados e com eles conversa amiudadas vezes pela calada da noite; no soba reside a força maxima, as armas do branco não atingem nunca os seus filhos — os filhos do soba são todos os habitantes das sanzalas do seu sobado, — quando o branco se aproximar da sua sanzala, em tom de guerra, a terra que ele piza aluirá, qualquer dos seus filhos que mora de desastre fortuito, a que o branco tenha dado causas, irá re-



Uma cubáta «quíôca» do Soba «Cavanga»,
Descascando a mandioca.

suscitar dias depois na sanzala de um seu parente, a força do soba é invencível! O quimbanda-médico às ordeens do soba com os macótas — ministros e conselheiros de estado — completam a scena. Os seus «milongos» curam todas as enfermidades, e quando isso não sucede — porque o preto resolva deslizar desta para melhor — é porque houve «feitiço» — sempre o feitiço! — do branco que é preciso conjurar.

— Ordena-se aos «muleques» — escravos do soba — todos os desejos do seu «senhor», e logo, religiosamente, são satisfeitos: o cultivo da mandioca, a preparação da «fuba», o arranjo culinario de «infunge» pronto a comer, tudo, tudo a horas, não esquecendo o farto «harem» das «damas da côrte» que não conhecem necessidades. E assim levando a vida, assim passando o tempo, por cá, vegetam ora dormindo ora parlamentando com os seus maioraes na sua «quiota» estes extravagantes e curiosos personagens, uns absolutamente convictos sob a espessura da sua formidável ignorância e disciplinados a um principio ancestral, cujo origem se perde nas lendas e na bruma dos tempos, outros re-



finados mariolões que propositadamente não querem trocar a vida que levam por um trabalho honesto e fecundo, sabendo muito bem que vivendo assim, embora ludibriando-se a si proprio, vão intrujando o preto e nele mandam inteiramente.

E o preto submisso de corpo e d'alma, vegetando tambem debaixo da tirania mais feroz e até cruel, acocorado diante do seu chefe supremo, sem a noção do tempo, sem a noção do trabalho, sem a noção de coisa nenhuma e sem nada produzir d'útil que possa erguer á devida altura a grande riqueza do solo que piza e da terra onde nasceu!

E é esta a obra do soba!...

E haver que levar a bom termo da parte de quem exerce por aqui a nossa soberania com estes «cavaleiros» a chamada e já decantada politica indigena!...

E não seria muito preferível, não seria muito melhor politica pôr toda esta gente sobas sobetas e «filhos» a trabalhar, a produzir riqueza?... E' muito curioso a verdade o soba no interior da Africa!



A EXPOSIÇÃO FAUSTO GONÇALVES) SALÃO DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



«O pintor
Fausto Gonçalves»



«Casa d'Aldeia»



«Palácio de sub-
bragança (Coimbra)»



«Poço do Camanheiro»



«O Ardego do Encontro»



«Monte»



«Cangaço da roupa»

FAUSTO GONÇALVES é um moço estudante de Coimbra, da faculdade de Direito, que nas horas vagas do estudo das leis se dedica à pintura. Mas não é um curioso como o leitor poderá supor. E' antes um temperamento intenso de artista e a sua tecnica é já da segurança de um artista que ha muito privasse com os pinceis.

Fausto Gonçalves fez primeiro a sua exposição em Coimbra e ali conseguiu vender quasi to-

das as suas telas. Veiu depois a Lisboa e aqui no Salão da *Ilustração Portuguesa* nos patenteou os seus interessantissimos trabalhos, onde Coimbra passa cheia de saudade e cheia de goesta, prodigiosamente sentida, sentidamente evocada.

Eugenio de Castro, Aarão de Lacerda, Sanches da Gama, Silva Galo e Antonio Augusto Gonçalves deixaram no catalogo do joven artista palavras de justiça e de incitamento, as palavras que o seu talento e a sua arte soube conquistar e merecer.

A S.^{ra} DUQUEZA DO PORTO VEM A LISBOA

TRATAR DA TRANS-
LADAÇÃO DE SEU

Chegou a Lisboa, h os pedando-se no Avenida Palace a Princesa de Bragança, duqueza do Porto, viuva do infante D. Afonso, que veiu tratar com o governo da trasladação dos restos mortaes de seu marido para o Panteon Real de S. Vicente. A sr.^a Duqueza do Porto, que é uma figura nervosa e interessante, visitou S. Vicente e deu ao «Seculo» uma curiosa intrevista sobre os ultimos momentos do infante portugês, que tinha grandes sau-

MARIDO O INFAN-
TE D. AFONSO.

ravilhosa da paizagem que cerca o Palacio da Pena.

A sr.^a Duqueza do Porto conta que o cadaver do infante D. Afonso venha para o Panteon no proximo inverno a bordo de um navio de guerra italiano, ficando assim satisfeito o mais ardente desejo do extinto infante, que era o de repousar o derradeiro sono em terra portuguesa.



O ultimo retrato da sr.^a Duqueza do Porto.

(«Clichés» Serra Ribeiro).

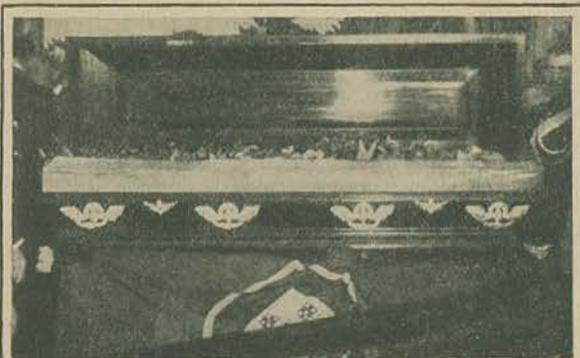
A sr.^a Duqueza do Porto acompanhada por um dos secretarios do sr. ministro do interior saindo do Panteon de S. Vicente.

dades de Portugal, sentindo até á hora derradeira a nostalgia da patria. Visitou tambem os Palacios de Cintra e da Ajuda, tendo ficado muito impressionada com a beleza ma-



MORRE VITIMADO POR UMA CONGESTÃO O PRESIDENTE DO MINISTERIO

Causou a mais profunda das impressões a morte do presidente do ministerio coronel Antonio Maria Batista. Patriota devotado, republicano sem macula, combatente da Africa e da Flandres, militar corajoso e distinto, a sua perda enlutou a sociedade de que ele era brilhantissimo ornamento. A' hora a que escrevemos estas linhas maguadas está saindo o seu enterro, imponente e extraordinaria manifestação de pesar.



Dois dos ultimos retratos do coronel sr. Batista.—A urna.—Velando feretro no ministerio do Interior



O presidente do ministério, coronel sr. Antonio Maria Batista, no seu leito de morte, no ministério do interior
(Clichés Serra Ribetro).



A poetisa Sr.ª D. Julia Escorcio,
recentemente falecida

O ultimo Soneto

A Sr.ª D. Julia Escorcio que faleceu ha pouco ditou, quasi á morte, a uma das pessoas que lhe velava a agonia, a Sr.ª D. Maria Angra Portugal Ribeiro de Ribas, o soneto que textualmente publicamos:

DELIRIO

Ardendo a fogo lento, em pira permanente
Consome-se o meu corpo, um pouco cada dia.
O olhar é vago; a voz, — eu nem a conbecia —
Murmura sem cessar a frase incoerente.

O espirito divaga. A alma está vivendo
Os sonhos do passado. A manhã já rompia.
Voltou a pira ardente e foi-se a fantasia
Com todo o seu cortejo e sequito imponente.

Ao longe a terra amada; a filha do Ocidente
Atraem-me num abraço. A scena repetida:
A minha Mãe tão linda. O amor, a Fé, a vida!

O espirito gosa, mas este cáos é tremendo
Eu vou-me consumindo aqui, a fogo lento
Emquanto paira além sereno, o pensamento.

Madrid, 15 de Abril de 1920

Julia Escorcio

VIAJANTES

UM GRANDE PORTUGUÊS
Chega brevemente á capital um illus-



O Sr. José Rainho da Silva
Carneiro

ILUSTRES

tre membro da nossa colonia no Rio
de Janeiro.

REFERIRAM-SE *A Manhã* e *O Seculo*, com palavras de justo louvor, ao sr. José Rainho da Silva Carneiro, a proposito da sua primeira chegada a Lisboa.

Trata-se de um grande patriota, um trabalhador infatigavel, cujo nome merece ser citado como exemplo tipico das mais altas virtudes cívicas. E' no Brasil, á frente de uma importante casa comercial e de multiplas instituições de indiscutivel importancia no meio carioca, como a Companhia de Seguros «Minerva», a Associação Comercial e outras, que a sua actividade prodigiosa se tem desenvolvido brilhantemente, como uma das mais autorizadas competencias da alta finança do Rio de Janeiro.

O sr. José Rainho da Silva Carneiro tem provado, através da sua vida de figura prestigiosa do co-

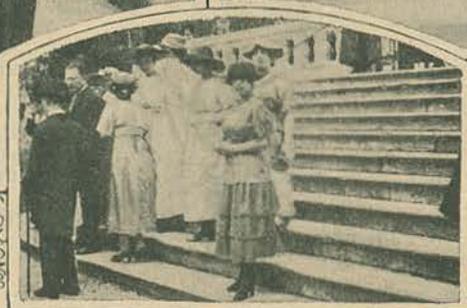
mercio, admiraveis qualidades de energia, de intelligencia, de rasgada e proveitosa iniciativa, mostrando-se digno do seu nome em destaque.

E' este portuguez illustre que soube elevar-se pelo seu trabalho e pela sua intelligencia, pelo seu caracter e pela sua autoridade, a quem a nossa Patria tanto deve em dedicacão e em sacrificio, que chega brevemente a Lisboa, actuando altamente no nosso meio financeiro com a sua experiencia de muitos anos de labor incansavel, onde os seus meritos foram tantas e tantas vezes postos á prova.

Que seja bemvindo o nosso distinto compatriota!



VIDA ELEGANTE



CASAMENTOS ELEGANTES

1. O tenente da Guarda Nacional Republicana com a Sr.^a D. Maria das Dores Candelas de

Matos, em Almogovar. 2. O nosso colega da Imprensa Duro da Silva com a sr.^a D. Margarida Madalena Gorrão. 3. Aspecto da assistência. 4. O pintor Armando de Basto com a Sr.^a D. Branca de Avilez (Requeugos).

A Arte da Musica



A Sr.^a D. Maria Julia de Fontes Perelra de Melo da Fonseca.



A Sr.^a D. Aida da Silveira, Ilustre artista e organizadora do Trio Feminino



D. Maria Octavia Sena.

Os tres retratos que publicamos são os das senhoras que constituem o Trio Feminino, organizado pela Sr.^a D. Aida da Silveira. Esta senhora, bem conhecida no mundo artistico, é a discipula predilecta de Viana da Mota; D. Maria Julia é como D.

Maria Octavia Sena uma amadora de musica distinta. D. Maria Octavia realçou ultimamente na Liga Naval um concerto e D. Maria Julia uma série em Madrid. O

Trio Feminino conta breve dar uma serie de concertos e chamar sobre si as atenções do mundo artistico.

Concurso Hípico

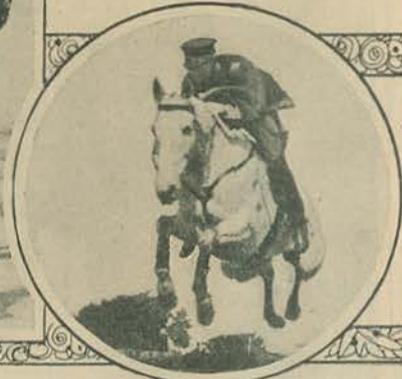
Internacional

Um aspecto da

O Concurso Hípico Internacional chamou ao campo de Sete Rios imensa multidão e despertou entre profissionais e amadores grande entusiasmo. N'ele tomaram parte alguns cavaleiros hespanhoes, competidores experimentados, que na assistencia obtiveram grande simpatia, e que vieram cimentar o laço de affecto que deve existir entre os peninsulares apaixonados pelo

assistencia

Tambem o Concurso Hípico foi motivo para que a moda se ostentasse e viesse passear, como nas grandes corridas inglezas, como nas francezas de Longchamps. As provas hípicas, especialmente as corridas que nós não cultivamos, são pretexto não só para apostas sem numero mas até para que a moda dicte a sua lei. Nas nossas assim tambem começa a ser, e aí tem o leitor as nossas elegantes



Dois saltos. A elegancia no Concurso

mesmo «sport». No primeiro dia, a prova «Omnium» foi ganha por Jorge Oom, que no cavallo Belfry fez um percurso limpo.

profissionais colhidas em flagrante. E porque isso interesse e os nossos modistos se degladiem uns porque põem todo o seu interesse no tall-

leur de sarja
marinee no cha-
peu trotteur,
outros porque
lhe preferem um
robe de crepon
citron bordado a
flores matejadas,
com chapeu do
mesmotecido ou
um robe de tafe-
tá marine guar-
necido em beje,
e chapeu habillé
em palha com
paradys, tudo a
vêr que novas
creações, que
lindas cousas
criam para dar
o tom, a nota e
trazer pelo bei-
cinho a Mulher,
com o M gran-



Um salto. D. E. Usa-
torre.

de que merece.
Pois enquanto
Oom, Biker, Mar-
rin Gomes e os
outros cavalei-
ros vencem, os
olhos ficam-se-
nos nas belas
coisas, chapéus
e vestidos que a
casa Amieiro, ou
a casa Leite Li-
mitada, que é
como quem diz
a sucessora de
Salomão Cardo-
so, ou outros de-
tentores da mo-
da, inventam pa-
ra tornarem ain-
da mais interes-
santes as mulhe-
res interessantes
que lá vão.



O cavaleiro hespanhol D. E. Usatorre no cavalo «Entono»,—Assistencia
elegante—Um Instantaneo



Da esquerda para a direita os srs. D. Luis Sanches de Baena, capitão José Mousinho de Albuquerque, coronel Domingos de Oliveira, alferes José Maria de Brito, os oficiais hespanhois D. Eulogio Usatorre e D. Carlos Lopez y Bourbon, major Reviera, adido militar junto da legação de Hespanha; José Madureira Cirne, José Amado, t-coronel do estado, maior Mario Campos e capitão do estado maior Lourenço Pereira. (Clchêde Serra Ribeiro)

ECOS DA GREVE DOS ELETRICOS

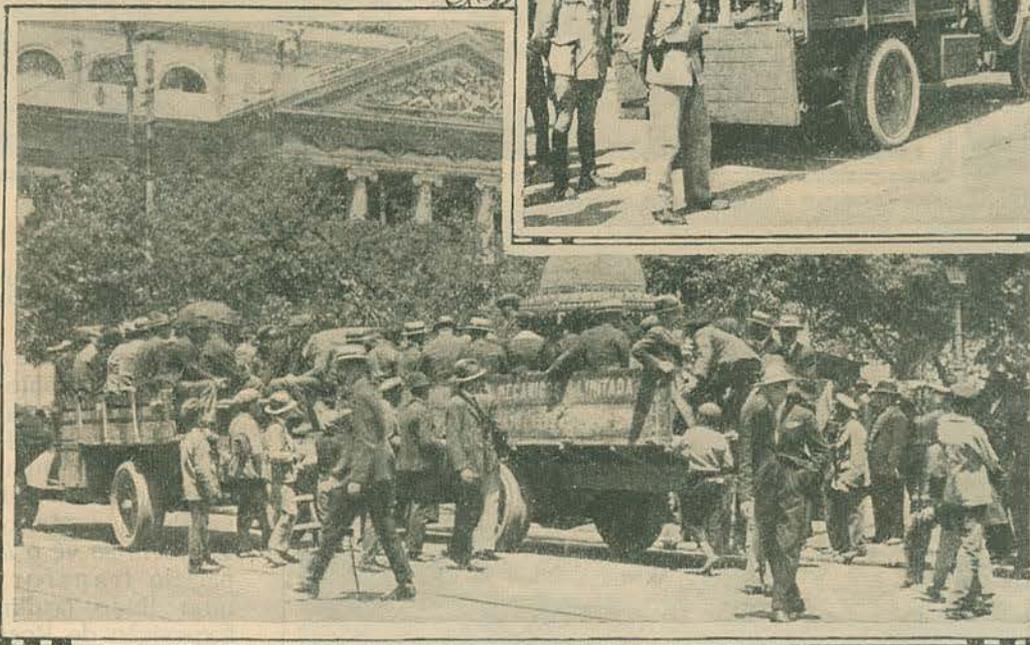


1. A resurreição do passado. Um carro que ha muito se não via.—2. Um automovel da G. N. R. ao serviço da carreira para deputados e senadores.

vieram novamente rodar aos tombos do Rocío ao Conde-Barão e do Terreiro do Paço á Estefania. Mas como a vida encareceu as carreiras que em tempos idos custavam 10 reis passaram a custar 2 tostões. Depois voltaram os elêtricos e os carros regressaram á doce paz das cocheiras-museus.



A recente grêve dos elêtricos poz em circulação nas ruas os mais exóticos meios de locomoção. Carros do Jorge que ha muitos anos descaçavam da sua vida de solavancos



3. Um «camion» da G. N. R. transportando passageiros para o Poço do Bispo.—4. Um aspecto do Rocío durante a grêve. (Clichés Serra Ribeiro).

A "ILUSTRAÇÃO DORTUGUEZA" NO PORTO



1. A fabrica incendiada no Porto
2. O interior da fabrica.
(«Clichés» M. Cesar de Sá)

cimentos no Norte. Do grande incendio na Empresa Industrial de Cortumes, em que os prejuí-



As nossas gravuras dão alguns aspectos dos últimos aconte-



A demonstração da luta «greco-romana» no Palacio Cristal

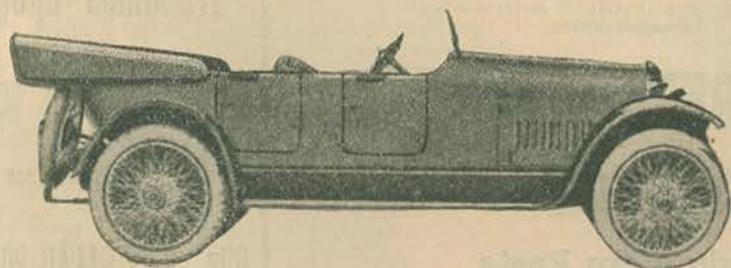
zos foram totais e avaliados em 1:500 contos, e da demonstração da luta greco-romana no Palacio de Cristal, a quando do combate de *box* entre Silva Ruivo e Mario Gall. Também se vê o *hall* do palacio transformado num lindo jardim pela Exposição de Rosas que nele se realisou.



Os NASH, em virtude do record de segurança foram escolhidos, para o equipamento normal dos corpos expedicionarios da marinha dos Estados Unidos da America do Norte.

TELEF: 3483

REIS & CARDEIRO, L.ª
PR. DO MUNICIPIO, 32



Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam
sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue.
anti-biliosas e refrigerantes.

A' venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca

Rua da Prata, 237, 1.º



Corôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, e na

Camelia Branca

L.º D'ABEGOARIA, 30

(ao Chiado) - Telef. 3270

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA-

No. 2599-P-4 x 6 inches—J. R. K. Co.



Renovai os Vossos Encerados

PODEIS facilmente rest-
aurar o brilho original
dos vossos encerados baços
fazendo notar o desenho
que tinham quando esta-
vam novos. Precisais só-
mente da Cera Preparada
de Johnson e de um panno.
O resultado será um poli-
mento secco e sem pó de
grande belleza e duração.
Em menos de uma hora podeis
polir um do tamanho inteiro do
chão, fazendo-o facil de conservar
limpo, e podendo andar sobre elle
imediatamente.

CERA PREPARADA DE JOHNSON

Liquida e em Pasta

Deve ser usada na vossa casa para polir os moveis, a obra de madeira
e os soalhos. Protege e preserva os acabamentos vernizados, cobrindo
todas as arranhaduras da superficie. Em uma só operação limpa e pole.

A Cera de Johnson en Pó

Borrifada sobre qualquer solho, dará immediatamente uma superficie
perfeita para bailar.

O vosso commerciante terá prazer de supprir-vos a Cera Preparada de
Johnson assim como todos os outros productos uteis de Johnson.

S. C. Johnson & Son

RACINE, WISCONSIN, E. U. A.

Companhia de Seguros GARANTIA

Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro
de 1918 — Esc. 6.579.529\$26
Dividendo distribuido idem, idem —
Esc. 1:394.000\$00

CAPITAL MIL CONTOS

(Inteiramente realizado)

Effectua seguros terrestres, agricolas,
industriales, de automoveis,
trespasses, maritimos e de minas.
Seguros de vida (em organização).

AGENTES:

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 central

LISBOA

Deposito geral no PORTO: Consul-
torio Dentario J. Matos, Rua Sá
da Bandeira, 235. — Em LISBOA: E.

TONIKIM

O ALIMENTO E JUVENTUDE
DOS CABELOS

Slva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.º, E.
— Em BRAGA: Gomes & Matos, Aven-
ida Central. — No BRAZIL, PARA:
A. Matos, Rua Padre Prudencio, 66.

Trabalhos tipograficos

EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas

Ofic. "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"

Rua do Seculo, 43

LISBOA

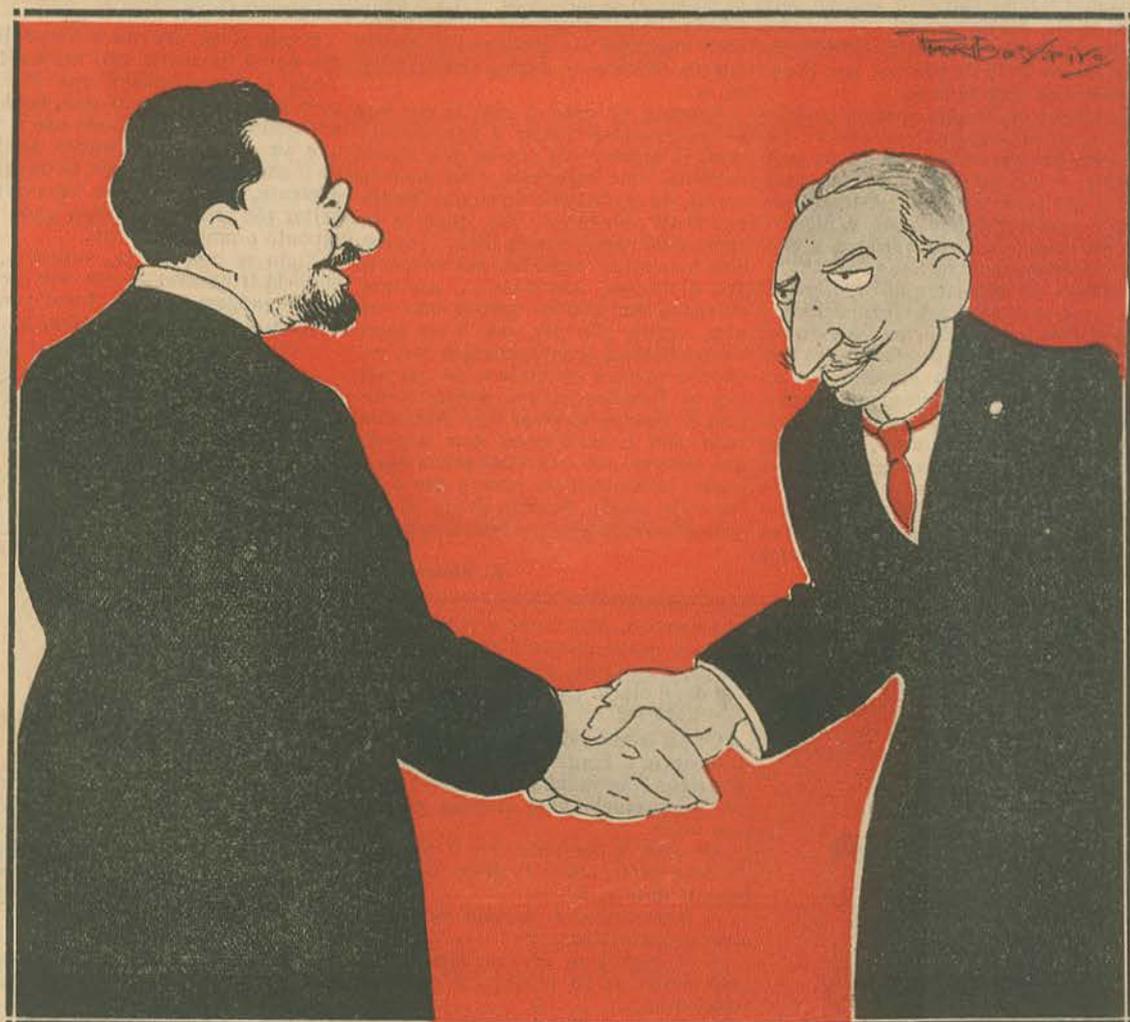
SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Século, 43 — Lisboa

ANALOGIAS



— Parabens, colega Deschanel.

— Colega?!

— Sim: ambos entrámos pela porta e saímos pela janela...



PALESTRA AMENA

Os preços

Pois é verdade: lá por fóra, isto é, em paizes que sofreram muito mais do que o nosso com a guerra, os preços dos generos mais necessarios á vida vão baixando. Entre outras noticias que provam o que dizemos, leia-se esta, chegada pelos fios: «Informam de Chalon-sur-Saône que nas feiras e mercados da região se notou uma sensível redução no preço dos generos. O das aves e legumes sofreram importantes baixas. Os leitões, em 8 dias, baixaram mais de 100 francos.»

O telegrama não é lá grande coisa quanto a redacção, deixando supôr que em Chalon-sur-Saône os leitões são aves ou legumes; mas o sentido de engano de se facilmente, mesmo que haja engano d'alguns francos, porque isso d'um leitão custar menos 50 escudos de que custava na semana anterior indica que se trata de porcos, que já não chucham na têtta da mãe.

Dos Estados-Unidos chegam noticias igualmente animadoras, mas o peor é que se estas são animadoras para os americanos e aquelas para os francezes, não o são para nós, portuguezes, por aqui o aumento dos preços é diario e vai tão longe que não tarda que chegue ao incomensuravel.

Outrem se importe com isso, nanja nós, que estamos resignadissimos e preparados para andar nus e estoirar de fome, logo que o alfaiate e os fornecedores de generos alimenticios resolvam não nos fazer vendas a credito. E não nos importamos, porque já perdemos completamente a noção do valor e a do preço, nada nos admirando que peçam 100 pelo que antes pediam 10. Olhem: ha dias, a pedido d'uma senhora, como tinhamos de passar pela rua dos Retrozeiros, fomos comprar uma duzia de colchetes.

— Quanto custam? perguntámos, depois do caixeiro fazer o competente embulho.

— Dois tostões.

Puxámos da carteira e contámos dois mil e quatrocentos réis — desculpem se contámos á antiga, para mais depressa — que entregámos ao rapaz.

— Quanto dá o senhor?

— Dois mil e quatrocentos... vinte e quatro tostões...

— Mas são só dois tostões.

— Cada um...

— Não, senhor; os colchetes custam a dois tostões a duzia.

Ficámos admiradissimos, muito mais do que se nos custassem efectivamente os vinte e quatro centavos — agora vai á moda moderna, para mais depressa tambem.

Estamos em que o caixeiro, em vista do nosso engano e de verificar que estavamos desorientados quanto a preços, marcaria os colchetes a vinte e quatro centavos a duzia, para o futuro...

Adiante. O caso é que lá por fóra as coisas embaratecem e aqui encarecem. Já alguém viu que se procurasse remediar este desacerto, com medidas serias, de efeito mais ou menos immediato? Boas intenções, das quais o inferno está cheio, e nada mais: consorcios bancarios, seguidos dos respectivos divorcios, consultas... aos interessados em que os preços não baixem, agora *Cartels*, que é um nome muito vistoso, indagações dos srs. ministros sobre a quantidade de calçado que os Estados-Unidos podem fornecer, e quartel general em Abrantes, tudo não como d'antes mas peor do que sempre, até o tal final acima anunciado: rebentarmos, com o que o leitor nada perde, ficando desde já dispensado dos elogios postumos da praxe.

J. Neutral.

Meninas do telefone

Pela decima milésima vez os jornais queixam-se das distracções das meninas dos telefones, as quais fazem durante horas ouvidos de mercador ás respectivas chamadas — mas, na



nossa opinião, os queixosos não tem a razão por seu lado. Se não, imagine qualquer assinante que é menina, por momentos e que tem os cuidados inerentes ao seu sexo de emprestimo.

Primeiro, não ha menina que não te-

nha namoro. Não ha de a menina, durante o tempo que está na repartição, escrever falar ou pensar no namoro? Ha de, é claro. O assinante:

— Está lá?

Ora a menina está lá, mas está com o namoro a contas. E' justo que se distraia? Não manda a delicadeza que não se perturbe uma senhora em casos tais?

De onde, a pergunta que o assinante deve fazer, antes de pedir o numero que deseja, é:

— Interrompo a menina nos seus exercicios amorosos?

E só depois de ela responder que não, é que se dá começo á conversa telefonica.

Outra hipotese. A menina está zangada com uma colega, o que necessariamente tem de se dar frequentes vezes, ou porque a colega tem um vestido melhor, ou porque não estão ambas de acordo na escolha d'um figurino, ou porque uma tem uma pulseira-re-

logio e outra não, etc. Não será da mais elementar delicadeza esperar que a discussão entre as meninas termine, para então se lhe pedir o numero?

O que dizemos das meninas dos telefones applica-se ás meninas dos correios, ás dos caminhos de ferro, etc. Ha pouco quizemos comprar uma estampilha em certa estação postal — e tivemos de esperar uma boa dezena de minutos porque ao *guichet*, do lado do publico, se encontrava um manco que não ia comprar estampilhas mas que entretinha com a estampilhadeira um doce colloquio amoroso. Indignámo-nos, fomos queixar-nos para os jornais? Não; invejámos o felizardo, apenas.

Sejamos cavalheiros.

Novos impostos

O que ai vai, por causa dos projectos dos novos impostos, não vai em Roma. Toda a gente declara que sim, que quer pagar mais, visto que, tendo diminuido o valor da moeda não é justo que se dê em contribuição ao Estado a quarta parte de que se dava antigamente, mas quando se trata de aproveitar tão boas intenções, cada qual reponta o mais que pode.

Tudo se conciliaria, supomos, se a materia tributavel — como soe dizer-se em linguagem tecnica — fosse bem escolhida. E para essa escolha, cá esta-



mos nós, como sabios economistas que nos presamos de ser.

Propomos, pois:

1.º — Um imposto, sob a forma de estampilha, applicado nas meias das senhoras, tanto mais pesado quanto maior fosse a porção de perna que desejassem mostrar. Se se applicasse uma estampilha em cada palmo de gambias, havia menina que pagava as suas seis.

2.º — Selagem de todos os quadros que os pintores expuzessem e que tivessem por bons.

3.º — Imposto anual fixo sobre as mulheres formosas, ás quais seriam distribuidos recibos que trariam á vista. Qual é a que se recusaria?

Basta para amostra.

N'esta ordem de idéas podem-se multiplicar os impostos infinitamente.



Dois milhões de contos!

Como é muito costume, ultimamente, aplicar a aritmetica ás desgraças nacionais, fazendo contas, entre outras coisas, ao que cada um de nós deve pelo que o Estado gasta — como se cada um de nós tivesse culpa de que os outros sejam desgovernados — será bom fazer a mesma coisa quando se trata de receber, a fim de não desanimarmos de todo.

Não sabemos se leram que o sr. dr. Afonso Costa apresentou ou vai apresentar na Conferencia de Spa um memorial sobre as reclamações do nosso paiz, para ser contemplado na repartição da importancia que se vai fixar como indemnisação total devida pela Alemanha: são nem mais nem menos do que dois milhões de contos de réis, que nos entrarão pela porta!

Ora, como Portugal continua a ter seis milhões de habitantes, incluindo crianças e militares sem gradação, não temos mais do que dividir dois milhões de contos por seis milhões para sabermos quanto cabe a cada um: são trezentos mil réis por cabeça, se não estamos em erro de cifra.

Dá ou não dá para um fato de bom cheviote?

Pão com vidro

Bolas! Talvez os senhores quizessem que o pão, pelo preço por que o compram, fosse feito com cristal da Boemia! O' da guarda, porque o fabricam com vidro de vidraça, da Marinha Grande ou da rua das Gaivotas. Então, que mais exigem?!

Ao que parece, declaram-se incapazes de digerir o vidro. Mas oiçam lá: que culpa tem os moageiros ou os padeiros que os freguezes tenham um



estomago tão reles, tão mal construido, que não possa assimilar o que um avestruz engole sem o menor sinal de incomodo?

Concordamos em que nos primeiros tempos o estomago humano extranhe o vidro; mas é isso razão para que se não vá adaptando pouco a pouco a esse ingrediente, para que as gerações futuras não venham mais fortes do que as actuais?

Dê se, por exemplo, um bife de vaca a um recém-nascido; rebenta, já se sabe, mas isso não é motivo para se alimentar o homem a leite toda a vida.

EM FOCO



Fausto Gonçalves

*E' um moço pintor e quartanista
Da nobre faculdade de direito,
Braço, pois, ao pincel e tintas feito,
Mente dada á sciencia do legista.*

*Que se mostra notavel como artista
Atesto, com muitissimo respeito,
Se o codigo maneja ou não com geito
Não sei, nem documentos tenho a vista.*

*O que afirmo, porém, é que se um dia
Eu fôr preso, por minha desventura,
Quando ele exerça já a advocacia,*

*Não quero semelhante criatura
Para meu defensor, que poderia
Borrar o demonico da pintura.*

BELMIRO.

Não sabemos se o leitor compreendeu esta logica. Queremos dizer na nossa que devemos vencer a nossa repugnancia pelo vidro, a fim de que os nossos netos possam comer vidraças inteiras, como se faz mister.

A draga «Aurora»

Chegou ou está para chegar a Lisboa uma velha draga, que durante longos anos permaneceu inactiva e com a qual, em fiscalisação e outras manigancias, se gastou dinheiro que chegaria para adquirir tres dragas novas.

«Aurora» foi o nome que os padrinhos de baptismo lhe puzeram e que

Torre de Chifre

Já que tanto insta, aí vai na secção que deseja.

Leiam:

O que tu me confessaste

Ao meu amigo L. F. A.

Ando de dia triste, acabrunhado,
Pensando em ti ao menor movimento.
Lembro-me de ti quando de braço dado
Passeamos juntos ao sabôr do vento.

Pastiste, e eu fiquei alucinado!
Sosinho! Quiz distrair-me foi em vão!
Qualquer gesto, a mim o abandonado,
Me faz chorar, cortando o coração.

Ando já sem esperanças de um dia
De te tornar a vêr! Louca ambição!
Quem sabe? Quem poderá adivinhar?..

Mas viver até lá é uma agonia.
Um mar de tristezas pr'ó meu coração,
Sim, talvez... mas nunca deixarei de
amar!

STOLO.



ainda conserva, apesar de ter entrado no crepusculo. No emtanto não lhe cabem censuras nem a quem autorizou as despezas; áquela, porque se não fez bem algum, tambem não fez mal; a este, porque o dinheiro podia ter sido gasto em más acções, como tantas vezes acontece, e d'esta vez dispendeu — apenas inutilmente.

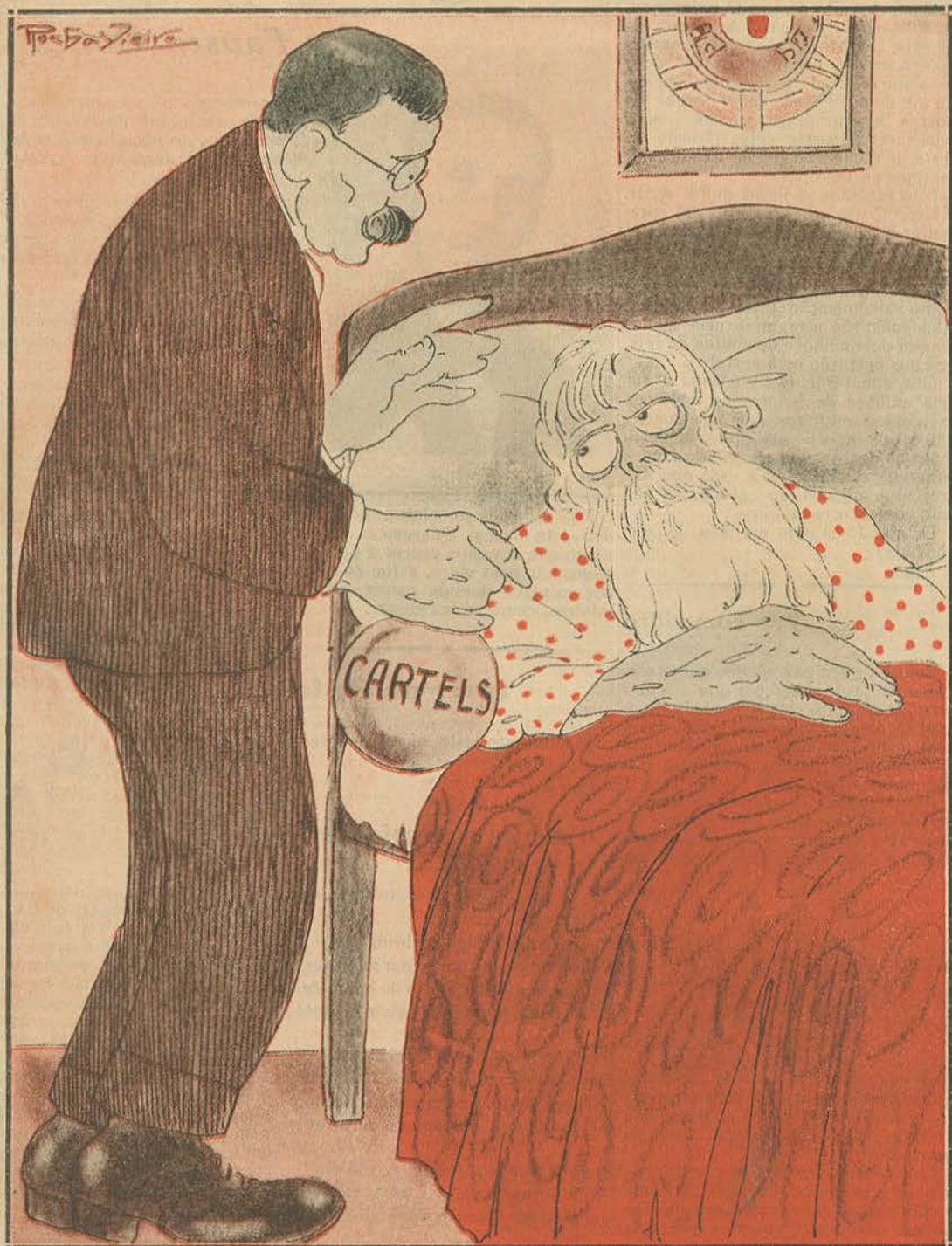
Aos que estranharem as nossas palavras, isto é, o gastarmos espaço e tempo em tão insignificante assunto, temos a dizer que ele não é tão insignificante como parece: a draga «Aurora» é um simbolo, como as obras de Santa Engracia e outras coisas, sem as quais Portugal perderia a sua patasca individualidade.

Correspondencia

D. Cezar de Bazain — Uma coisa se lhe aproveitou: o pseudonimo. O resto, para o lixo.

D. Emilia G. — Queira a madama bater a outra porta. Pára cá não pega.

Balões de oxigenio



O enfermo:

- E se o medicamento me não restabelecer, doutor?
- Então, só lhe vejo um remédio: trabalhar. Já experimentou?
- Ainda não...